



Celular e Educação: uma proposta para utilização do dispositivo móvel como recurso didático

André Crepaldi, IFPR

crepaldi_fm@hotmail.com

Resumo: *O presente artigo tem por objetivo propor um modelo de utilização do celular como recurso pedagógico em sala de aula, tendo em vista que, o dispositivo, na maioria das vezes é proibido nas escolas pela legislação. Para encontrar respostas ao problema de pesquisa, buscou-se a revisão de artigos científicos, dissertações de mestrado e tese de doutorado. É possível afirmar que, o celular, apropriado pelo professor de forma crítica e de acordo com o conteúdo a ser trabalhado em sala, pode ser um excelente recurso pedagógico, capaz de potencializar o processo de ensino e aprendizagem. O uso do celular pelo professor demanda mais de força de vontade e interesse, uma vez que seu uso é permitido pela legislação, desde que apropriado para fins pedagógico.*

Palavras-chave: *celular; tecnologia, educação.*

Abstract: *The presente of this article is to propose a objective for the use of the cell phone as a pedagogical resource in the classroom, considering that the device is for the most part prohibited in schools by legislation. To find answers to the research problem, we sought the revision of scientific articles, master's dissertations and doctoral thesis. It is possible to affirm that the cell phone, appropriate by the teacher critically and according to the content to be worked in saddle, can be an excellent pedagogical resource, capable of enhancing the teaching and learning process. The use of the mobile by the teacher demands more of will power and interest, since its use is allowed by the legislation, as long as appropriate for pedagogical purposes.*

Key words: *cell phone; technology, education.*

1. Introdução

Pensar a educação requer atenção além dos meios tradicionais, quadro, giz e livro, baseado no processo de emissão de informação pelo professor e recepção pelo aluno, mas a inclusão de tecnologias. Durante muito tempo, o professor foi considerado detentor do saber e, sua autonomia, maioritária, nesse contexto, cabia somente ao aluno o papel de receber a informação, sem espaço e participação, mas essa realidade vem sendo alterada com o desenvolvimento tecnológico.

É importante buscar entender a educação atual, que vêm sendo moldada por meio da constante inclusão de novas tecnologias de informação e comunicação nas escolas. A realidade ainda é distante, com relação a dispositivos tecnológicos e acesso à internet nas escolas, mas o crescimento das TIC, em decorrente da evolução social, faz emergir em novos cenários educacionais.

A internet foi um marco histórico no modo como concebemos o processo de ensino e aprendizagem, pois nela, o aluno passou a navegar com autonomia, inquietação e curiosidade, tendo em vista que além de todo o universo de informação disponível na rede, a comunicação e a interatividade também se faz presente.

Com a convergência das mídias, o celular passou a ter acesso não somente aos recursos básicos de ligar e receber chamadas, bem como ao envio e recebimento de mensagens de textos, mas a diversos recursos, proporcionados principalmente pela internet, que torna o celular um meio de comunicação completo e rico em informação, comunicação e entretenimento.

A proibição do celular nas escolas ou por professores em sala de aula é comum no Brasil, isso ocorre por consequência de diversos fatores, em que o conflito com a tecnologia móvel é levado em conta, à falta de conhecimento e domínio tecnológico, por parte dos professores, traz situações de desconforto e ameaça.

O professor e direção sentem-se incomodados com o uso do celular pelo estudante na escola, incômodo que causa mal-estar, conflitando o relacionamento principalmente entre professor e aluno. A proibição parece sempre ser a melhor opção e muitas vezes adotada, ao invés de discussão coletiva.

O aluno é excluído de discussões importantes da escola, mesmo sendo o principal afetado e o agente que move o espaço de ensino. Por falta de diálogo, o assunto em pauta sobre a proibição do celular, discutido e decidido pela direção, em conjunto com professores e equipe pedagógica, é imposto aos discentes, restando somente à alternativa de aceitar e acatar as regras estabelecidas pela escola.

O conteúdo disponível na internet, aplicativos e jogos são fatores que favorecem para aumentar a problemática sobre o uso do celular nas escolas, ao invés de propor soluções e diálogo em comunidade escolar, o professor prevalece da situação mais cômoda, a proibição, mesmo sabendo que a realidade de seu aluno está vinculada, na grande maioria, ao uso do celular.

A dispersão é um item importante e, deve ser considerada, muitas vezes ela ocorre por diversos fatores: o primeiro trata-se apenas de um momento, em que o discente não tenha interesse pelo conteúdo explanado na aula, e seu refúgio é acessar suas redes sociais, como o Facebook e Whatsap, além de navegar na internet. Em um segundo momento, a dispersão ocorre propositalmente pelo aluno, que não sente parte da escola, tão pouco interesse em aprender, frequenta as aulas apenas por obrigação.

A dispersão é vista e encarada pelo professor como um problema e, o celular deve ser proibido, essa é a decisão convincente pelo mesmo. A maioria não consegue incorporar o aparelho em suas aulas para fazer uso nas atividades propostas, utilizando o recurso como fonte de pesquisa, enriquecendo a aula e gerando aprendizagem satisfatória.

Um dispositivo tecnológico eficiente, rico em informação, comunicação e de fácil acesso devia ser aproveitado pela educação. Excluí-lo, de fato, não é a melhor opção, diante de uma sociedade constituinte do recurso, que faz uso constante, desde o lazer até atividades do setor produtivo.

O celular não é apenas um meio de comunicação responsável pelo princípio básico de realizar chamadas, trata-se de um meio de comunicação que estabelece conexões, reduz barreiras na comunicação e aumenta a troca de informações entre pessoas. Basta que o dispositivo seja conectado à internet, por meio do 3G ou Wi-Fi, para expandir as possibilidades de exploração de informação e conhecimento.

Estudar a educação face às tecnologias é importante para designar a função desempenhada pelo celular em sala de aula. Seu crescimento acelerado e a utilização do dispositivo móvel por crianças e adolescentes nas escolas. É fundamental a aceitação do celular pela escola e buscar inserir novas práticas de ensino vinculadas ao uso tecnológico como ferramenta de ensino.

Para responder ao problema de pesquisa, buscou-se como metodologia de pesquisa, a revisão bibliográfica, em que foram explorados artigos científicos, dissertação de mestrado, tese de doutorado e obras bibliográficas, com o intuito estabelecer uma proposta para utilização do dispositivo móvel como recurso Didático.

2. Celular

O acesso ao celular vem crescendo nos últimos anos e, no Brasil, o número de usuários aumenta a cada ano. O dispositivo móvel tem sido utilizado como ferramenta de trabalho e de lazer, ficando quase impossível a exclusão do aparelho móvel. A cada ano pessoas compram novos modelos que estão sendo lançados, em busca de estar sempre atualizadas com o que há de melhor.

Atualmente, o País tem 198 milhões de celulares em uso, o que representa um crescimento de 17% na comparação com os dados de 2016. Ainda de acordo com a pesquisa, entre notebooks, tablets e desktops, o Brasil tem também 162,8 milhões de computadores em funcionamento – um crescimento de 5% com relação ao levantamento de 2015. E deve chegar até dezembro deste ano a 166 milhões de computadores em uso, incluindo no cálculo cerca de 33 milhões de tablets (OSELAME; SANTOS; SILVA, 2017, p. 02).

Os números relacionados ao celular no Brasil só aumentam, a tecnologia móvel está há disposição de quase toda a população, conectados à internet, a grande maioria, por meio da tecnologia 3G e do WI-FI. Sendo que, muitas famílias possuem mais que um aparelho móvel por pessoa.

Divulgada em abril de 2017 pela FGV, a 28ª edição da pesquisa anual de Administração e Uso de Tecnologia de Informação nas Empresas aponta que até o final deste ano o Brasil terá a média de um smartphone por habitante. A estimativa é de que até outubro o número chegue a 208 milhões de aparelhos (OSELAME; SANTOS; SILVA, 2017, p. 02).

A criança nasce inserida na tecnologia e, tem a aquisição do conhecimento e domínio tecnológico facilitado, uma vez que, o acesso ao celular ocorre de modo natural e, a utilização é feita gradativamente, pois a criança é familiarizada a tecnologia e tem seu desenvolvimento inserido nela. Dessa forma, “os seres humanos não nascem simplesmente dentro da linguagem como um código maior; eles crescem dentro dela, são formados por ela, ajudam formá-la, tanto o homem como a mulher [...]” (STAM, 1992, p. 93).

A inclusão do celular em sala de aula tem sido discutida em diversas escolas brasileiras e objeto de estudo nos programas de mestrado e doutorado. Proibir tem sido quase sempre a opção mais adotada pelas escolas.

Vários estados brasileiros já estabeleceram legalmente a proibição do uso de celulares pelos estudantes nas escolas. O primeiro foi São Paulo. Outros estados da federação também proíbem o uso de celulares nas salas de aula: Rio de Janeiro, Ceará, Brasília, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Rondônia entre outros. O acúmulo desse tipo de legislação proibitiva no país parece indicar que exista um consenso entre os educadores de que o uso do celular em sala de aula pode causar a distração do aluno, afetar o rendimento escolar das crianças e atrapalhar a didática dos professores (VIVIAN; PAULY, 2012, p. 03).

No Paraná, a situação não é diferente, pois com base na lei estadual nº 18.118/2014-PR, no artigo 1º “proíbe o uso de qualquer tipo de aparelhos/equipamentos eletrônicos durante o horário de aulas nos estabelecimentos de educação de ensino fundamental e médio no Estado do Paraná” (PARANÁ, 2014, p. 01). Com essa medida, as escolas acatam o que é imposto e proíbem o uso do aparelho celular.

É importante destacar que, a mesma lei que proíbe, também permite, tendo em vista que, a lei diz, em seu parágrafo único, que a “utilização dos aparelhos/equipamentos mencionados no *caput* deste artigo será permitida desde que para fins pedagógicos, sob orientação e supervisão do profissional de ensino (PARANÁ, 2014, p. 01). Portanto, é possível utilizar o celular, desde que seja para fins pedagógicos.

A proibição ocorre frequentemente, pois o aparelho nem sempre é visto com bons olhos pelos professores, que preferem quase sempre a proibição ao invés da inclusão como ferramenta pedagógica, pois “por falta de resiliência profissional para resolver os conflitos que são provocados pela presença marcante, na sala de aula, deste aparelho móvel, proíbe-se. Vê-se na proibição a melhor alternativa para se solucionar problemas e conflitos” (SOUZA, 2017, p. 02).

Para o professor, o aparelho móvel é responsável por situações de conflitos na aprendizagem em sala, como: a dispersão pelo acesso do aluno a jogos, fotos, vídeos, ligações indevidas durante a aula e, por fim, ouvir música com fone de ouvido. A proibi-

ção é vista como a solução para os problemas enfrentados com relação ao manuseio do dispositivo

Com base nos problemas levantados até então, é possível apontar algumas propostas de utilização do aparelho celular em sala de aula: a câmera fotográfica do aparelho pode ser utilizada em aulas práticas, como recurso de contextualização de conteúdo, aprimoramento e registro de atividades realizadas e, posteriormente, utilizadas na revisão da matéria. O celular, também, pode funcionar como uma mídia de armazenamento de conteúdo, gráficos, videoaula, áudio e fotografia. Além disso, o professor de matemática pode liberar a utilização da calculadora, disponível no aparelho celular em situações específicas.

O professor necessita trabalhar na formação crítica de seu aluno, dialogar sobre o uso correto do meio, como um meio de ensino de grande potencial. O dispositivo pode ser uma excelente ferramenta quando, apropriado de forma coerente, tudo depende da iniciativa do docente e maneira utilizada.

3. Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC

As tecnologias de informação e comunicação – TIC⁴ têm provocado mudanças significativas tanto na sociedade como na educação, por se tratar de ferramentas que potencializam e facilitam as atividades humanas, no trabalho, no lazer e na educação. Segundo Ana Maria Marques Palagi “o conceito de tecnologia foi tratado como a junção das técnicas com a ciência” (PALAGI, 2016, p. 73).

É a tecnologia responsável pela aceleração das atividades humanas, em consequência da facilidade de realização de atividades do setor produtivo, contribuindo para redução do tempo e esforço, porém “[...] a tecnologia nos permitiu acelerar a execução das atividades cotidianas, dando-nos a ilusão de que dominamos o tempo, quando na verdade, somos muitas vezes dominados por ele” (NAGAMINI, 2017, p. 03).

A redução de fronteiras é recorrente a ligação que a internet⁵ permite aos usuários. Com ela, a distância é encurtada e, as pessoas são aproximadas, podendo exercer a comunicação mesmo distante no espaço.

No século XX, a Sociedade da Informação foi marcada pelos avanços tecnológicos e das telecomunicações que transformaram o cenário dos tempos modernos e proporcionaram interatividade provocando mudanças significativas no modo de vida entre os cidadãos conectados com as diversas informações e dando um ponto final à uniformidade e massificação, desabrochando pouco antes do limiar do século XXI (SOUZA, 2017, p. 02).

⁴ “O termo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) refere-se a conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente na *World Wide Web* (WWW) a sua mais forte expressão” (MIRANDA, 2007, p. 43).

⁵ “A internet nasceu de um projeto militar norte-americano chamado Arpanet, uma rede de computadores montada em 1969 pela Advanced Research Projects Agency (ARPA). Os primeiros nós dessa rede foram alguns centros universitários de pesquisa. Em 1983, o Departamento de Defesa dos EUA, preocupado com possíveis brechas de segurança, resolveu criar a MILNET, rede independente para usos militares específicos. A Arpanet tornou-se ARPA-INTERNET e foi dedicada à pesquisa. Na década de 1980, passou a se chamar Internet. As universidades mantiveram redes comunitárias que contribuíram para o uso e a expansão da rede pelo mundo” (NAGUMO, 2014, p. 10).

O desenvolvimento tecnológico alterou o modo como às pessoas se relacionam, sendo que as relações presenciais estão sendo substituídas cada vez mais pelas interações virtuais. O desenvolvimento afetou também a educação, pois “[...] como na economia, na política, na cultura, o avanço da tecnologia está presente no setor educacional, trazendo com isso a necessidade de utilização dessa ferramenta tecnologia na aprendizagem” (SILVA, 2015, p. 20456).

A internet costuma ser utilizada como fonte de informação, comunicação e interatividade. Os sujeitos apropriam desse meio em busca de novas experiências e distrações, permanecendo conectados mais tempo na rede que presentes nos espaços físicos da escola. Além disso, o acesso à internet no Brasil tem aumentado a cada ano.

O uso das TIC nas escolas vem sendo tema de diversos estudos e pesquisas no mundo, pois é um assunto importante, recorrente a globalização e desenvolvimento dos meios tecnológicos. A inclusão de dispositivos tecnológicos na educação tende a favorecer o processo didático do professor.

A utilização de certa tecnologia pode favorecer ou desfavorecer práticas específicas, inclusive o fortalecimento da troca e do diálogo que desenvolvem papel ativo na construção dos sujeitos e sua profissionalização, o que justifica a articulação do uso de tecnologias da comunicação no cenário de aulas da universidade (BARBOSA; BARCELLOS; CARVALHO, 2017, p. 03).

A conectividade e o excesso de informação são frequentes no século XXI, assim, os sujeitos estão cada vez mais conectados, enviam e recebem informações utilizando os meios de comunicação, principalmente, o celular conectado à internet. Segundo Moraes (2006, p. 35) “a digitalização favorece a convergência de redes e plataformas numa linguagem única, forjando a base para a hibridação das infraestruturas de transmissão de dados, imagens e sons”.

O excesso de informação disponível na internet, sites e redes sociais, é um desafio a ser enfrentado por docente e discente, uma vez que “[...] a quantidade de material na rede tem crescido de tal forma que muitos acabam tendo dificuldade de lidar com tanta informação. Por um lado, há uma diversificação do conteúdo disponível, assim como o aumento de informações de pouca relevância” (NAGUMO, 2014, p. 12). Cabe ao professor, orientar seu aluno para a formação de um sujeito crítico, capaz de filtrar informação de credibilidade e necessária à sua formação.

Mesmo diante do desenvolvimento tecnológico e globalização, segundo Souza (2017) é comum à existência de escolas que ignoram as tecnologias e encontram fazendo uso de processos de ensino ultrapassados, como o uso do quadro de giz e prevalecendo o ensino de memorização de conteúdo.

É frequente o uso tecnológico apenas como meio facilitador a prática de ensino, permanecendo a métodos tradicionais, como o giz, quadro e livro. O uso do data show é um exemplo, pois sua apropriação é geralmente feita para substituir o quadro negro e, evitar o trabalho do professor de escrever. A utilização desse meio ocorre para apresentar o conteúdo aos alunos em telas e passar vídeos.

A resistência do professor face as TIC ocorre em virtude de diversos fatores alegados pelo professor, entre eles à falta de capacitação. Segundo Vivian; Pauly (2012) são diversos os argumentos para não utilizar os meios digitais, entre eles a falta de tempo para uma aquisição de conhecimento, o espaço precário e a falta de equipamento nas

escolas, tecnologias ultrapassadas ou que não funcionam, medo de estragar os equipamentos existentes.

De acordo com Barbero (2006, p. 56) “A escola está deixando de ser o único lugar de legitimação do saber, já que há uma variedade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados” (BARBERO, 1992, p. 56). Com a internet, informações e saberes são compartilhados por milhares de pessoas, sem precisar o deslocamento até um local físico.

De acordo com Nagumo (2014), há uma distância muito grande entre a escola e a realidade dos alunos que, tem provocado um descompromisso muito grande. Com a internet, a escola tem perdido o título de detentora de transmissão do saber. Seria ideal que, o estabelecimento de ensino passe a assumir o papel de tomar para si a missão de orientar seus alunos no processo do saber.

Novas formas de comunicação e recebimento de informação transcorrem e, o modelo de ensino tradicional passa a ser questionado e considerado ultrapassado, pois “vivemos num ambiente de informação que recobre e mistura vários saberes e formas muito diversas de aprender, ao mesmo tempo que se encontra fortemente descentrado em relação ao sistema educativo que ainda nos rege, organizado em torno da escola e do livro” (BARBERO, 2006, p. 56).

No modelo tradicional de ensino o professor é detentor do saber, além de possuir autoridade máxima, sem espaço para a participação e integração de alunos nas decisões que os envolvem. Esse modelo de ensino deixou de ser referência e, não atende mais as expectativas, pois o perfil da nova geração de adolescentes e crianças está baseado em novas formas de descobrimento e aprendizagem, na curiosidade e inquietação.

[...] inquietação, o dinamismo e a interação dos alunos dessa nova Geração da Internet, é intensa. Os mesmos utilizam as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) para se comunicar e ficam conectados boa parte do seu tempo e assim utilizam o aparelho celular a todo o momento pelo fato deste possuir diversas ferramentas como bloco de notas, câmera fotográfica, serviço de mensagem (SMS), acesso a internet com abertura para as redes sociais, dentre outros, promovendo e contribuindo para a distração dos alunos e comprometendo a atenção requerida pelo o professor durante as aulas (SILVA, 2015, p. 20456).

Os estudantes não aceitam mais os conteúdos impostos, visto que, a grande maioria tem acesso à internet, portanto, pode pesquisar e aprofundar o tema estudado. O que é dito pelo professor, nem sempre é aceito, tendo em vista que “desde as interações midiáticas, os sujeitos-educandos questionam o professor, questionam seus saberes enciclopédicos esvaziados de significado, diante da abundância representacional e policromática dos ecossistemas comunicativos” (OROZCO, 2006, p. 96).

O modelo de ensino tradicional, em que o professor é detentor do saber, não atende mais as necessidades do aluno. Segundo Neto (2013, p. 01) “O papel do docente atual deve ir muito além, ele deve ser o mediador entre o conhecimento, a experiência de vida, o mundo em geral, e os seus discentes”.

Além disso, “a mera exposição das audiências à imagem nas diferentes e possíveis telas supera quantitativamente sua exposição aos quadros-negros e às figuras dos

professores nas salas de aula” (OROZCO, 2006, p. 96). Portanto, o professor está perdendo gradativamente a imagem como detentor do conhecimento e, o seu saber, muitas vezes é questionado por seus alunos.

A mídia impressa, meio de comunicação tradicional, não perdeu sua credibilidade ao longo do tempo, mas houve uma redução significativa ao consumo desse meio, principalmente o jornal e o livro, pois “antes, o livro que o professor trabalhava na sala de aula tinha a “última palavra”. Agora, a última imagem está na tela e a última palavra quem tem são os sujeitos-audiência, e seus olhos” (OROZCO, 2006, p. 96).

Um dos fatores para a redução do consumo a mídia impressa, ocorre em razão ao surgimento de meios modernos, práticos e inovadores. A internet traz novas possibilidades de comunicação, informação e interatividade, tendo em vista que, permite ao usuário, a integração de várias mídias em um único meio de comunicação, como o rádio, TV e jornal, presentes no celular e computador, por meio de acesso à internet.

A convergência materializa-se na terceira geração da telefonia móvel, que permite a um celular conectar-se à Internet; ser utilizado como câmera e filmadora digital, MP3 e rádio FM; disponibilizar correio eletrônico, mensagens, noticiários, horóscopo, jogos eletrônicos, mapas e filmes, além de capturar e enviar imagens (MORAES, 2006, p. 35).

O governo tem buscado, por meio de políticas públicas, fornecer os equipamentos tecnológicos as escolas. Isso tem ocorrido com frequência em vários estados brasileiros, mas muitas vezes de forma moderada, computadores com recursos limitados, pequenas quantidades para atender a demanda de alunos e meios ultrapassados.

A inclusão das TIC em sala, não significa que o professor irá perder sua autonomia, tão pouco ser substituído pela tecnologia. Sabe-se que isso não irá ocorrer, em virtude da importância do docente na educação e, até mesmo, pelo simples fato de que as tecnologias em si, utilizadas de forma incorreta, não são capazes de revolucionar e melhorar o processo de ensino e aprendizagem, para isso, seu uso deve ser feito de forma consciente e planejada.

Os docentes manifestam um temor profundo de serem substituídos pelas novas tecnologias de informação colocadas a serviço de objetivos de aprendizagem. E as instituições educativas acabam por não compreender a magnitude da mudança, e insistem teimosamente em continuar com uma visão reducionista que só repara no aspecto instrumental, tanto de mídias quanto de tecnologias. Não é equipar de máquinas as escolas a única alternativa para abreviar o desafio, como insistiram muitos ministérios de educação latino-americanos. Na verdade, debater e repensar os motivos da educação e da comunicação em uma grande mudança de época com a atual é o que necessitamos continuar fazendo (OROZCO, 2006, p. 97).

A forma como o estudante se relaciona e tem recebido informação, principalmente com a internet, deve ser refletida e pensada como um argumento para mudanças na prática de ensino do professor. O aluno não sente parte da escola e, a metodologia de ensino utilizada pelo professor, não o satisfazer. Portanto, novos modos de conceber o processo de ensino e aprendizagem devem ser levados em questão pela inclusão das TIC.

Com base nos problemas levantados até então, é possível apontar algumas propostas de utilização das TIC em sala de aula: utilizar o computador e tablet como meio de pesquisa na internet, bem como exploração de programas específicos que, possibilitam a realização de exercícios, aprofundamento de conteúdo, interatividade e a construção do conhecimento. O computador e tablet podem ser utilizados para o compartilhamento de informações, envio e recebimento de textos em arquivo DOC e PDF, slides, vídeos e fotos.

A convergência das mídias permite acesso à internet, o que permite, a possibilidade de uso em sala de aula como recurso didático eficiente. O computador, tablet, TV Smart possuem acesso à web e, estão interligados, ambos os meios podem ser utilizados na realização de pesquisas, web conferência e compartilhamento de arquivos entre alunos e professor.

A comunicação e interatividade em sala são importantes para a formação do aluno, pois estimulam os alunos ao conhecimento, a descoberta de novos saberes, tendo em vista que “toda comunicação impõe um aprendizado da linguagem do outro, uma espécie de tradução, ou de acordo, com o significado nos limites do nosso conjunto pessoal de linguagens de outra pessoa” (STAM, 1992, p. 13).

A partir do momento em que o sujeito educando está envolvido com a troca de experiência, possibilita a aquisição de novos saberes de forma prazerosa, pois “o processo de aprendizagem, próprio do paradigma que possibilita a tecnologia informacional, ocorre por descobrimento (exploração), não por imitação (reprodução), como foi o caso predominante até agora em muitas culturas e na própria educação escolar” (OROZCO, 2006, p. 97).

Ou seja, as TIC tendem a mudar a visão dos alunos perante a escola, deixando o processo de ensino e aprendizagem mais prazeroso. De acordo com Silva (2015, p. 20457) “O uso de tecnologias em salas de aula pode contribuir para a construção de novos saberes que favoreçam ao indivíduo uma visão mais ampla de mundo com mais criatividade, criticidade e com amplos potenciais para o descobrimento”.

O docente ao utilizar tecnologias, aumenta a sua responsabilidade sobre a formação de seu aluno e, seu papel passa a ser mediador do conhecimento, orienta e faz a mediação entre o saber e o aluno. Nesse sentido, o educador trabalha na construção da autonomia de seu aluno, pois o mesmo irá sentir envolvido e integrante da escola, buscando o conhecimento individualmente por meio de orientação de seu professor.

O educador em sala de aula deve formular seu discurso como um produtor de informação que conta com a capacidade de pressuposição e inferência do seu receptor. Ou seja, ao docente cabe justamente o estímulo à curiosidade dos discentes. Ele deve deixar aqueles que o ouvem dar o “passo final” rumo à compreensão do assunto que esteja sendo tratado (NETO, 2013, p. 02).

Incluir as TIC em sala de aula, não deve ser encarado como a solução na educação, pois não se trata de recursos milagrosos que irão revolucionar a educação, mas a necessidade de incluí-las em sala de aula, principalmente pelas mudanças sociais, em que, crianças e adolescentes estão incluídos em novos modelos de socialização. Na nova geração, o contato presencial tem perdido espaço para os relacionamentos em rede, com base no uso da internet.

4. Internet no Celular

A ausência de interesse e perspectiva do aluno pela escola tem aumentado com o passar dos anos. É visível que não sente parte da escola, muito menos acolhido, pois geralmente as decisões com relação ao ensino são impostas e não discutidas coletivamente. Conteúdo ultrapassado, que não faz parte da realidade social, também contribui para a falta de perspectiva na escola, pois não consegue atribuir sentido e relação ao que é estudado a sua vida.

[...] necessidade de serem criadas estratégias educacionais que contribuam para o desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa, ressaltando que não está a se propor a simples incorporação de um aparato tecnológico às salas de aula, mas de estudar estratégias de utilização da tecnologia da informação e comunicação para propiciar novas formas de aprender e ensinar (SOUZA, 2013, p. 05).

Muitos professores relatam que o celular provoca aos estudantes o desvio de atenção, dispersão e acesso a conteúdo indevido, além do Facebook, Twitter, jogos e websites de notícias. O meio é visto de forma negativa, pois acredita que não é adequado ao ambiente escolar, pelos aplicativos e conteúdo da internet, esses são alguns itens que favorecem para a exclusão do celular em sala de aula.

A maioria dos educadores prefere a exclusão ao invés da inclusão, pois alegam que o meio tende a trazer problemas à aprendizagem do que favorecê-la e, não consegue identificar as “[...] potencialidades da adoção do celular em sala de aula, como ferramenta tecnológica que pode agregar significação ao estudo dos gêneros textuais e também incrementar o gosto pelas leituras, aproximando os conteúdos curriculares à realidade social do aluno” (SOUZA, 2013, p. 02).

Com base nos problemas levantados até então, é possível apontar algumas propostas de utilização do celular, conectado à internet: a construção do conhecimento por meio da interatividade em grupos no Facebook, bem como no Whatsap, pesquisas na web, disponibilização de materiais em vídeo, arquivo PDF e DOC pelo professor nos grupos do Facebook e Whatsap.

O dispositivo móvel é um meio que permite ao usuário o envio e recebimento de informação em momento instantâneo, em alta velocidade, dependendo do acesso à internet. Com ele, o sujeito tem à disposição a informação em tempo real, se mantendo sempre bem informado, pois o “[...] telefone móvel permite acesso instantâneo e fácil à informação sobre o que está acontecendo em qualquer lugar do mundo, diluindo assim as fronteiras” (SOUZA, 2017, p. 02). É possível perceber que, com o celular, as possibilidades de recurso e utilização em sala são imensas.

[...] o uso da tecnologia provoca mudanças nos modos de aprender, ensinar, pensar, relacionar-se com as demais pessoas. A presença do telefone celular induz a profundas mudanças na sociedade e na maneira de organizar o ensino para aprender e saber sobre o mundo” (SOUZA, 2017, p. 01).

O conteúdo transmitido pelo professor deve ser pautado com base na realidade social de seu aluno, pois o assunto se torna vago e separado, quando não vinculado a algo. Incluir o dispositivo móvel requer muito além do domínio técnico pelo professor,

mas um uso consciente, planejado e crítico. A apropriação isolada do meio à prática de ensino, não é capaz de mudar a aprendizagem do aluno.

A apropriação do celular em sala de aula é um desafio que deve ser enfrentado pelo estabelecimento de ensino, bem como pelo professor, tendo em vista que o meio pode oferecer novas práticas de ensino e modifica a realidade social, além disso, “[...] a era dos dispositivos móveis e portáteis transforma a mobilidade social, cria novos processos de controle informacional, reconfigura as noções de tempo e espaço e reestrutura as dinâmicas entre indivíduo e espaço urbano” (OSELAME; SANTOS; SILVA, 2017, p. 03).

É preciso também, o professor trabalhar com seus alunos métodos de utilização consciente do celular, sem dispersar a conteúdos e ferramentas indevidas, para que ele possa utilizá-lo de forma eficiente, uma vez que “[...] é necessário explorar as diferentes linguagens em aula e incentivar o aprendizado da nova geração por meio dos recursos que despertam o interesse pelo conhecimento” (COSTA, 2017, p. 03).

É necessário construir debates nas escolas, para formulação de um ambiente, que a priori, repense a inclusão de tecnologias, visando o aperfeiçoamento do processo de ensino, culminando em uma abordagem reflexiva, aliada ao conteúdo trabalhado pelo professor. O distanciamento entre tecnologia e professor deve ser superado, são áreas que podem caminhar juntas na construção de um espaço escolar atraente, aprendizagem satisfatória e coletiva.

5. Considerações Finais

Por não saber como se apropriar da tecnologia e, não saber se apropriar do celular e identificar suas potencialidades a aprendizagem, a proibição acaba sendo a opção adotada, uma vez que, “ao não saber dar significado ao telefone móvel, cria-se conflitos, não sabendo resolver os conflitos, proíbe-se” (SOUZA, 2017, p. 13).

O forte aumento, no que diz respeito ao uso de celulares por crianças e adolescentes, colabora para o desdobramento de atenção a problemática sobre o uso do celular em sala de aula, sabendo que é dever da escola estar atualizada e compreender o contexto social do aluno. Portanto, a necessidade de novas pesquisas sobre as TIC na educação, em específico o celular, se faz necessário para o enriquecimento do campo científico e aprofundamento do assunto.

Transpor as barreiras ao uso do celular no espaço escolar é um desafio que deve ser superado, em virtude da comunicação e a troca de informação que se faz constante por meio da internet. Ignorar o acesso e proibir, não é a melhor opção, na verdade, só ocasiona irritação e problemas em aceitação e respeito ao regimento interno da instituição, que é estabelecido aos professores e alunos.

Referências

BARBERO, Jesús Martín. Tecnicidade, Identidade, Alteridades: Mudanças e opacidades da comunicação no século. IN: MORAES, Dênis de. Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. (p. 51-80).

BARBOSA, Maria Irene de Castro; BARCELLOS, Daniela Menezes Neiva; CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares de. 'Pode ser por Whatsapp?' Aspectos interacionais nas mensagens de aplicativos de celular no contexto da disciplina de educação nutricional. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Curitiba-PR, 04 a 09 set. 2017.

COSTA, Suéller. A autoria em sala de aula: o incentivo à participação discente e docente por meio de projetos que envolvem a produção midiática para a educação. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Curitiba-PR, 04 a 09 set. 2017.

Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

MIRANDA, Guilhermina Lobato. Limites e possibilidades das TIC na educação. SISIFO – Revista de Ciências da Educação. N.º 03 mai/ago 2007.

MORAES, Dênis de. A tirania do fugaz mercantilização cultural e saturação midiática. IN: MORAES, Dênis de. Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. (p. 33-50).

NAGAMINI, Eliana. O Uso do Aplicativo Whatsapp: Tempo de escrita/oralidade de alunos do ensino fundamental. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Curitiba-PR, 04 a 09 set. 2017.

NAGUMO, Estevon. O uso do aparelho celular dos estudantes na escola. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

NETO, Gabriel Lage. Tecnologias, comunicação e educação: a utilização da internet como extensão do relacionamento entre docentes e discentes em sala de aula. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação XXXVIº Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Manaus-AM, 04 a 07 set. 2013.

OROZCO, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: Um cenário de múltiplos desordenamentos. IN: MORAES, Dênis de. Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. (p. 81-98).

OSELAME, Mariana Corsetti; SANTOS, Leandro dos Santos; FELIPE, Matheus da Silva. Celular na sala de aula: desafios e possibilidades para o ensino do telejornalismo. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Curitiba-PR, 04 a 09 set. 2017.

PALAGI, Ana Maria Marques. Formação de Professores em tecnologias digitais em diálogo com as políticas públicas no estado do Paraná. 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Humanas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo.

PARANÁ. Lei nº 18.118/2014, de 24 de junho de 2014. Dispõe sobre a proibição do uso de aparelhos/equipamentos eletrônicos em salas de aula para fins não pedagógicos no Estado do Paraná. Assembleia legislativa do Paraná. Curitiba, PR, 24 de jun. 2014. Disponível em:

<http://www.comunicacao.mppr.mp.br/modules/noticias/article.php?storyid=11862>.

Acesso em: 25 fev. 2018.

SILVA, Dilma Oliveira da. O uso do celular no processo educativo: Possibilidades na aprendizagem. EDUCERE. XII Congresso nacional de educação, PUCPR, 26 a 29 out. 2015.

SILVA SOUZA, Josefa Aparecida. Uso do celular em sala de aula: otimizando práticas de leitura e estudos dos gêneros textuais. Anais do SILEL. Volume 3, número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SOUZA, Josenilda Martins de. O uso do celular: por que proibir é a melhor opção? 6º simpósio hipertexto e tecnologia na educação. 2 colóquio internacional de educação com tecnologias. ISSN: 194-1175, 2017.

STAM, Robert. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. Editora Ática S. A., 1992.

VIVIAN, Caroline Deprá; PAULY, Evaldo Luis. O uso do celular como recurso pedagógico na construção de um documentário intitulado: Fala Sério! Colabor@ - Revista Digital da CVA, ISSN 1519-8529. Volume 7, Número 27, fev. 2012.